JOGOS CLÁSSICOS: UM ARQUÉTIPO NO MUNDO OCIDENTAL

AMÓS COELHO DA SILVA

Em latim, *Ludus*, no singular, designa, *jogo, divertimento, passatempo*, no plural, *Ludi*, *jogos de caráter religioso ou oficial*. O Latim Corrente preferia *iocus* e fez chegar ao Português *jogo*, como sempre pelo caso lexicogênico, o acusativo: *iocu(m) > jogo*.

O termo ἄγων, -ώνος é um substantivo masculino que designa o resultado de um ἄγειν (pilhar, saquear; a expressão ἄγειν καὶ φέρειν, na *Ilíada* 5, 484, etc.¹ significando “saquear” com o primeiro verbo se aplicando a homens e o segundo a animais) e denota com mais freqüência em Homero “assembléia, reunião para jogos e por extensão combate, litígio e demanda”. Somente a partir de Aristóteles e Demóstenes (ambos de 384 a 322 a.C.) que ἄγωνία, agonía, passa a significar “angústia” e foi tomada emprestada pelo latim eclesiástico *agonia*, donde o português *agonia*.

Na expressão de Johan Huizinga, sobre os primeiros frutos da civilização, (...) tudo aquilo que vemos sob forma de um belo e de nobre jogo começou por ser um jogo sagrado. Os torneios e justas, as ordens, os votos, os títulos, são todos vestígios dos ritos de iniciação primitivos.¹ Afirma ainda que o jogo é um fundamento mais antigo que a cultura e vê na expressão do jogo um paralelismo com o conceito aristotélico de mimese, quando este afirma ser a imitação uma tendência instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distingue-se de todos os outros seres, por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação.² Para o filósofo estagirita, há prazer na imitação e através dela é que se dá aquisição do conhecimento.

As principais aquisições da sociedade seriam atividades arquetípicas e *são inteiramente marcadas pelo jogo*³, eclipsadas por metáforas históricas.

Uma das atividades arquetípicas da nossa sociedade é o teatro. O tirano Pisístrato (605-627 a.C.) apoiou a celebração de festas ao deus do vinho, Dioniso. A cerimônia central era um *kômos*, que se compunha, num dos grandes festivais, com um cortejo que dançava e cantava alegre e barulhento, escoltando um enorme *falo*. Os integrantes dessa *falofória*, isto é, *portadores do órgão genital masculino*, se escondiam atrás de uma máscara ou de um disfarce de animal, ou seja, uma fantasia, significando

muito provavelmente um antigo rito mágico que instauraria a fertilidade dos campos e dos lares.

Num outro cortejo, na primavera, a estação das flores, por isso, denominado *Antestérias* (cǎvθος, -ους ([flor], pelo latim, antho-> anto-, anteantu-) antologia, antúrio (< ἄvθος, flor; antúrio < ἄvθος+ οὐρά, cauda), antomania, antologista), festa animada pelo vinho armazenado em tonéis de terracota, desde a colheita do outono, incluía libações e concurso de bebida: vencia quem esvaziasse mais rápido um cântaro com três litros e um quarto. Os fiéis acreditavam que Dioniso vinha do mar, por isso um sacerdote se fantasiava de Dioniso, liderava o cortejo numa embarcação sobre quatro rodas puxada pelos sátiros: o que nos sugere um carro alegórico do nosso carnaval. A esposa do Arconte, governante local, simbolizando tempos antigos, atuaria como esposa de Dioniso. Integrava o rito um touro a ser sacrificado; a hierogamia, quer dizer, o casamento sagrado de Dioniso com a rainha, ocorreria num estábulo de boi. Portanto, toda a *pólis* estaria agraciada pelo benefício de Dioniso. Justamente na Comédia Antiga de Aristófanes é que encontramos presentes muitos elementos do *Kômos*, ao formar um coro alegórico com aves, vespas, rãs etc. No próprio termo comédia há o elemento *Kômos*, cortejo ao som de címbalos, com dança + *oidé*, canto, + sufixo -ia.

Ora, Dioniso, o deus da metamorfose, promovia nessas festas uma saída, êxtase: *éks* = para fora, -*stasis*, dos órgãos do sentido, ou seja, de certas condições humanas, manipuladas por mecanismo de controle, o superego, disciplinador dos nossos desejos, também presidia a libertação dessa estéril vida rotineira, que se resume em nascimentos e mortes, para conduzir o devoto a um mergulho no deus: entusiasmo, cujo elemento -*tu* é uma forma sincopada de *theós* e o prefixo *en-*, movimento para dentro. Em conseqüência, o homem dionisíaco entrava em choque com os controladores do *status quo*, ou seja, o exegeta nacional, no dizer Platão: Apolo. Todo esforço apolíneo, para conduzir os seus fiéis pela estreita vereda do “Conhece-te a ti mesmo”, “Nada em excesso” etc., se tornava banal diante do apelo dionisíaco. Tudo isso era representado na tragédia pelo *hypocrités*, *aquele que responde em êxtase e entusiasmo, a saber, o ator*.⁴

A tragédia é herdeira da mensagem do lirismo coral de Píndaro, o cantor de glórias nos jogos, inclusive as da cidade de Olímpia, daí as olimpíadas. A vitória humana depende da vontade divina, como nas odes

do próprio Poeta.

Pítica III, traduzida por Junito Brandão:

A vitória não depende dos homens.

Somente a divindade outorga sucessos:

Ora eleva este ao céu, ora sua mão rebaixa aquele.

Saibas encontrar o teu caminho, observando a moderação.

O homem, como no latim *homo* de *humus*, *barro*, *argila*, deve ser *humilde*, adjetivo português que provém de *humilis*.

Pítica VIII, tradução do Prof. Junito Brandão:

Seres efêmeros! Que é cada um de nós?

O que não é cada um de nós?

O homem é o sonho de uma sombra! (*Σκιάς ὄναρ ἄνθρωπος*)

Mas, quando os deuses pousam

Sobre ele um raio de sua luz,

Então vivo fulgor o envolve

E adoça-lhe a existência!

Há, na época helênica, também o lirismo monódico, o qual contém as páginas apaixonadas da poetisa Safo, além de outros ilustres representantes.

A metáfora, portanto, é um jogo poético, do qual José de Alencar se inspirou, explorando aspectos etimológicos clássicos tanto em *Iracema* quanto em *Ubirajara*. Ambas admitem uma longa leitura etimológica. *Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba*.⁵ Essa introdução é porque colheu na tradição que Ceará significa *o canto da jandaia*. É um tupinismo formado de *cemo*, *cantar forte*, e *ara*, *pequena arara* ou *periquito*. Nossa abordagem se deterá em alguns antropônimos.

O aposto de *Iracema*, *a virgem dos lábios de mel*, está contido em *ira*, (mel) e *cema*, (lábios); *Martim*, quer dizer *filho de guerreiro*⁶ e provém de *Marte*, deus romano da guerra e o sufixo *-im* (filho de), como se atesta no romance de Alencar. *Araquém*, o Pajé dos tabajaras e pai de *Iracema*, é um nome criado pelo romancista cearense, mas sem lhe acrescentar qualquer observação de rodapé. Eles pertencem à nação tabajara (de *taba*, *aldeia* e *jara*, *senhor*, ou seja, os senhores das aldeias). Numa assembléia, *Andira*, que denota uma espécie de morcego, interveio

e recomendou prudência: *-Andira, o velho Andira, bebeu mais sangue na guerra do que já beberam cauíim nas festas de Tupã todos quantos guerreiros alumia agora a luz de seus olhos.*⁷ Ao que Irapuã, o chefe da tribo, retrucou: *-Fica tu escondido entre as igaçabas de vinho, fica, velho morcego.*⁸ O que persistiu no Brasil foi a forma andirá, mas como topônimo e derivado de outro significado, ou seja, do s.m. Andirá, significando nome de planta.⁹

O filho de Iracema com Martim é Moacir: de *moacy* (dor) e sufixo *-ir* (saído de); *Moacir* é o brasileiro. Iracema diz quando o dá à luz: *-Tu és Moacir, o nascido do meu sofrimento.*¹⁰ E mais adiante, com o auxílio da gula de uns cachorrinhos do mato, os quais sugam-lhe as tetas untadas com mel de abelha, propiciando a formação de leite no peito, Iracema realiza a suprema proeza de alimentar o seu filhinho e o Autor, como narrador, se exprime: *Ele é agora duas vezes filho de sua dor, nascido dela e também nutrido.*¹¹

Note o trecho de Batuireté (de baturia e etê, figuradamente é valente nadador), e passou ao topônimo Batuirité, nome de serra do Ceará, transmitirá o tacape a Jatobá (de jetaí, resina dura, -oba, folha - e a, aumentativo: árvore de grande porte). Como Batuireté “dizia com tristeza ‘Ah! meus tempos passados!’ [ou seja, Qui - ah!, xere – meus, amôbinhê – outros tempos]”, José de Alencar vai indicar a origem de Quixeramobim no capítulo XXII, de *Iracema: A gente que o ouvia chorava a ruína do grande chefe, e desde então, passando por aqueles lugares, repetia suas palavras, donde veio chamar-se o rio e os campos, Quixeramobim.*¹² (Na nossa edição *veio* está no singular.)

O aposto *senhor do caminho*¹³ para Caubi é explicado por Alencar em nota de rodapé como proveniente de *guara, senhor* mais *-py, guia: O irmão de Iracema tem o ouvido sutil que pressente a boicinga [de bóia, cobra, cininga, chocalho: cobra cascável] entre os rumores da mata; e o olhar do oitibó que vê melhor nas trevas. Ele te guiará às margens do rio das garças.*¹⁴

Numa outra passagem, o nome Irapuã provém de *Ira* (mel) e *puã* (redondo, cf. o formato da colmeia), o que, filologicamente, é um princípio estóico, trazido para os estudos etimológicos latinos de Élio Estilão (fim do séc. II a.C.) e denominado em grego *katà antìphrasin*, i.e., *a designação de algo por nome oposto*, como fez Élio nos seus fragmentos...*bellum quod res bella non sit...*(guerra, em lat. *bellum* > porque não é uma coisa

bela < em lat. *bella* >, quer dizer, homônimo de *bellum*, guerra, é um nome de sentido contrário ao nome *bella*, bonita). Mas Irapuã não é um pote de mel! Ao contrário, é um amargo rival de Martim.

Além da expressividade lírica, passaram a integrar a nossa antroponímia, como é caso de protagonistas como *Ubirajara*, *Peri...* *Ubirajara* provém de *übürai'yara*, *senhor da vara, gente do tacape*.¹⁵

O índio *Ubirajara*, que pertence à nação Araguaia, tem três nomes. Como *Jaguarê*, indicativo de sua força, coragem e ferocidade, assim mesmo é jaguar, iniciará o ciclo heróico quando encontrar um combate à altura do seu valor. Travado o combate singular com o rival *Pojucã*, que pertence à tribo dos Tocantins e cujo nome provém da contração I-pojucá, ou seja, eu mato gente, *Jaguarê*, vencedor, se torna *Ubirajara*. Sob o disfarce de *Jurandir*, uma concentração da frase *Ajur-Andy-pyra*, ou seja, *o que veio trazido pela luz*, torna-se hóspede e consegue se inscrever no combate nupcial, como competidor que almeja a mão de *Araci*, que se compõe de *ára*, dia, e *cei* ou *ceji* - grande estrela. O herói desposará tanto *Araci* quanto *Jandira*, do nome de uma abelha *Jandaira*, a que fabrica mel.

Apesar da banalização que o Capitalismo impõe às Olimpíadas, à Copa do Mundo e aos esportes em geral, se escondendo atrás de interesses apenas políticos, ainda há a sobrevivência do sonho da confraternização e do estoicismo helênico de Alexandre Magno, ou seja, a humanidade unida por único ideal, incutidos nos jogos. Nem mesmo um Adolfo Hitler destruirá o brilho de uma herança como essa nossa. Ao contrário, será sempre lamentado o equivocado incidente que ele promoveu, não reconhecendo a vitória do atleta americano, só porque este não um ariano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Textos antigos e modernos:

ALENCAR, José M. de. *Iracema*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

_____. *Senhora*. São Paulo: Ática, 1977.

_____. *O Guarani*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Ubirajara*. São Paulo: Saraiva, s/d.

HOMÈRE. *Iliade*. Texte établi et trad. par A. Perron. Paris: Hachette, s/d.

HOMERO. *A Ilíada*. Trad. E adaptação de Fernando C. de A. Gomes.

Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

Estudos e comentários:

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1987.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura Brasileira: Romantismo*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1968.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine - histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1985.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como Elemento da Cultura*. Trad. de João P. Monteiro. S. Paulo: Perspectiva, 1980.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952.

_____. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952

NOTAS:

¹ CHANTRAINE, Pierre. Verbete ἄγω, ἄξω, ἡγαγον et rare ξα(Tim. Antiphon), pf. ἦχα.

² HUIZINGA, Johan. P.117.

² ARISTÓTELES, Poética, IV, 2.P.266.

³ HUIZINGA, Johan. P.7.

⁴ BRANDÃO, J. de Souza. Mitologia Grega, p. 132, vol. II.

⁵ ALENCAR, José Martiniano. Iracema. P. 11.

⁶ Ibidem. p.20.

⁷ Ibidem. p 25.

⁸ Ibidem p.26.

⁹ MACHADO, José Pedro. Andirá.

¹⁰ ALENCAR, José Martiniano. Iracema. p. 115.

¹¹ ALENCAR, José Martiniano. Iracema. P. 120.

¹² Ibidem, p. 87.

¹³ Ibidem. p. 38.

¹⁴ Ibidem. p.22.

¹⁵ MACHADO, José Pedro. Ubirajara.